



RENATA MARTINS PREDO

MOVIMENTOS ANTISSISTÊMICOS NA ANÁLISE DO SISTEMA MUNDO

Campinas

2018



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA**

RENATA MARTINS PREDO

MOVIMENTOS ANTISSISTÊMICOS NA ANÁLISE DO SISTEMA MUNDO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas, sob a orientação do Prof. Carlos Alberto Cordovano Vieira.

Campinas

2018

Renata Martins Predo

MOVIMENTOS ANTISSISTÊMICOS NA ANÁLISE DO SISTEMA MUNDO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas, sob a orientação do Prof. Carlos Alberto Cordovano Vieira.

Aprovada em de de

Banca Examinadora:

Prof. Eduardo Barros Mariutti

Examinador Unicamp

Prof. Carlos Alberto Cordovano Vieira

Examinador Unicamp

Orientador

Campinas - SP

2018

“Não existe revolução final. As revoluções
são infinitas”

(Ievguêni Zamiátin, 1920)

RESUMO

Para Wallerstein, as revoluções foram elementos extremamente importantes na evolução histórica do Moderno Sistema Mundo, sendo responsáveis por mudar parâmetros importantes sobre os quais o Sistema Mundo como um todo vem evoluindo e, dessa forma, criando as contradições internas que o levaram à bifurcação. O autor aponta a Revolução Francesa como ponto culminante do abandono dos resquícios feudais e do início da Economia Mundo Capitalista propriamente dita. A sua importância na história do sistema se deve à centralidade do conflito França-Inglaterra pela hegemonia da economia-mundo. Já as Revoluções de 1848 são para Wallerstein a primeira forma de revolução mundial do moderno Sistema Mundo. Além disso, foi por meio de 1848 que o liberalismo emergiu como ideologia oficial do sistema. A Revolução Russa, para o autor, foi tanto uma revolução de libertação nacional quanto uma forma de apresentar os bolcheviques à esquerda mundial como um movimento de volta para uma posição verdadeiramente antissistêmica, há muito abandonada. Por fim, a Revolução de 1968 foi direcionada ao sistema histórico como um todo: contra a hegemonia norte-americana e contra a estrutura econômica e militar que constituíam os pilares do sistema. Mas, foi também bastante direcionada à Velha Esquerda, ou seja, era uma revolução contrária aos movimentos antissistêmicos, considerados insuficientemente antissistêmicos.

Palavra-chave: Sistema Mundo. Wallerstein. Movimentos Antissistêmicos.

ABSTRACT

Revolutions were elements of central importance in the historical evolution of the Modern World System, as pointed by Wallerstein. It leads to important parameters changes, on which the System as a whole had evolved, creating the internal contradictions of the system that led to the Bifurcation. Wallerstein point out the French Revolution as the culmination of the abandonment of the feudal remnants and the beginning of the Capitalist World Economy. Its centrality in the system history is due to the France-England struggle centrality for the world economy hegemony. 1848 is the first form of a world revolution in the modern world system. Moreover, for Wallerstein, it was in 1848 that liberalism emerged as the official ideology of the system. The author sees the Russian Revolution in two main points: as nation liberation revolution; as a way of presenting the Bolsheviks to the world left. The world see the Bolsheviks as a movement back to a long-abandoned antisystemic position. Finally, the 1968 Revolution was against the historical system as a whole: against American hegemony; against the economic and military structure that constituted the central pillars of the system. However, it was also directed to the Old Left, as a revolution against the antisystemic movements, considered insufficiently antisystemic.

Keywords: World System. Wallerstein. Antisystemic Movements

SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo 1.....	9
1.1. Unidade de Análise	10
1.2. O Moderno Sistema Mundo	12
1.3. O Nascimento do Sistema	13
1.4. Hegemonias na Economia Mundo Capitalista	15
1.5. Análise da Dinâmica	17
Capítulo 2.....	24
2.1. Revolução Francesa	24
2.1.1. Debate Historiográfico	24
2.1.2. Revolução Francesa - Wallerstein.....	25
2.2. 1848	27
2.2.1. Debate Historiográfico	27
2.2.2. 1848 - Wallerstein	28
2.3. Revolução Russa.....	31
2.3.1. Debate Historiográfico	31
2.3.2. Revolução Russa - Wallerstein	34
2.4. Revoluções de 1968	35
2.4.1. Revoluções de 1968 - Wallerstein	35
Conclusão.....	39
Referências.....	42

Introdução

Utilizando como base a sua unidade de análise, os sistemas sociais históricos, Wallerstein irá analisar o funcionamento do mundo moderno, desde seu surgimento, com o esfacelamento do feudalismo, até sua crise atual, marcada pela bifurcação ocorrida em 1968.

O termo bifurcação foi emprestado da física pelo autor, e se refere à situação em que as equações fundamentais que expressam a dinâmica do sistema podem ser resolvidas de diversas formas diferentes. Ou seja, é um momento em que o sistema existente irá virar definitivamente para um lado ou para outro, e um novo sistema, ou múltiplos novos sistemas, irão emergir.

Assim é de extrema relevância estudar a bifurcação atual e o que levou a ela. Para o autor, os movimentos antissistêmicos - a saber, Revolução Francesa, 1848, Revolução Russa e as Revoluções de 1968- tiveram papel central no surgimento da presente bifurcação. Então, para Wallerstein, vivemos numa era de manifestações antissistêmicas, que são consequência de uma expansão das tensões e de um aprofundamento das contradições do sistema.

Dessa forma, busca-se entender de que forma os movimentos antissistêmicos já citados contribuíram para a bifurcação atual. Para tal, é necessário entender a natureza desses movimentos dentro da análise do sistema mundo, e mais do que isso, saber situar a interpretação de Wallerstein desses acontecimentos dentro da discussão historiográfica do assunto.

A escolha desse tema se deve à pertinência do assunto no momento histórico vivido, em outras palavras, na grande importância de se estudar a bifurcação quando estamos frente a ela. Mais do que entender o que nos trouxe a esse ponto, é crucial compreender o que é possível fazer neste momento. Como coloca Wallerstein, em uma bifurcação, ações de pequenos grupos podem definir o que virá em seguida.

Dessa forma, o presente trabalho visa responder às seguintes questões: qual a natureza dos movimentos antissistêmicos dentro do quadro interpretativo da perspectiva do sistema mundo? Qual foi o papel dos movimentos antissistêmicos na construção e desenvolvimento da economia mundo capitalista e qual é o papel destes na crise atual?

A estrutura do trabalho compreende dois capítulos: o primeiro se debruçará sobre a análise feita por Wallerstein do Sistema Mundo. Buscando, portanto, uma revisão teórica da

visão do autor. Já o segundo capítulo desenvolve uma análise detalhada sobre os movimentos antissistêmicos (Revolução Francesa, 1848, Revolução Russa e Revolução de 1968) na visão de Wallerstein, buscando delinear o papel de cada um na dinâmica do Sistema. Somado a isso, o segundo capítulo ainda conta com uma revisão teórica da discussão historiográfica sobre cada um dos movimentos antissistêmicos apontados no trabalho, a fim de poder situar a visão de Wallerstein dentro da discussão historiográfica.

Capítulo 1

Há quase um consenso que, com a publicação do primeiro volume de *The Modern World-system* por Wallerstein, em 1974, ocorre o surgimento de uma nova modalidade de reflexão, com seu próprio campo conceitual¹.

Para Wallerstein a análise do Sistema Mundo “é um protesto contra as formas em que a investigação científica social foi estruturada desde sua criação em meados do século XIX”. E ainda completa, que a sua forma de análise “nasceu como um protesto moral e, no sentido mais amplo, político”².

Ou seja, a análise do sistema mundo presente nessa obra tomou forma inicialmente por oposição à “teoria da modernização” até então vigente, que propõe que há uma lei geral de desenvolvimento social, que levará as sociedades atrasadas ao estágio em que se encontram as nações desenvolvidas.

A teoria da modernização é o resultado da percepção, dos cientistas sociais da Europa e dos EUA, de que a realidade em que vivia a população do terceiro mundo não conseguia ser explicada pela estrutura das ciências sociais herdadas do século XIX. A primeira resposta destes cientistas sociais a essa percepção é a formulação da chamada *teoria da modernização* que coloca, como caráter geral, que há uma sequência de estágios a serem atravessados pelos países e, como caráter particular, as diferenças dos Estados atrasados em relação aos desenvolvidos e o tempo gasto para se passar de um estágio a outro.

Wallerstein acredita que a teoria da modernização ficou desgastada após a revolução mundial de 1968, que gerou uma desilusão com os movimentos anti-sistêmicos e abalou o pilar fundamental da ideologia liberal: a crença no progresso inevitável³. Nesse contexto então, Wallerstein publica o primeiro volume de *The Modern World-system*, inaugurando a sua modalidade de reflexão, baseada no Moderno Sistema Mundo.

¹ MARIUTTI, Eduardo. *Considerações sobre a Perspectiva do Sistema Mundo*, 2004, p.89-91.

² WALLERSTEIN, Immanuel. *The Essential Wallerstein*, 2000, p.129.

³ Este tema será tratado mais detalhadamente no segundo capítulo do trabalho.

1.1. Unidade de Análise

Wallerstein dá grande importância à definição e elucidação das unidades de análise utilizadas, pois esse é um “objetivo central da empresa científica”⁴, o autor crê que as “totalidades históricas” são unidades de análise adequadas à pesquisa social, uma vez que somente a História pode fornecer as causas, fontes e condições reais das mudanças sociais

“A análise dos sistemas mundiais torna a unidade de análise um objeto de debate. Onde e quando existem as entidades dentro das quais a vida social ocorre? Essa análise substitui o termo *sociedade* pelo termo *sistema histórico*⁵. Naturalmente, é uma simples substituição semântica. Mas ela nos livra da conotação central que a “sociedade” adquiriu, seu vínculo com o “Estado” e, portanto, da pressuposição sobre o “onde” e “quando”. Ademais, o que o “sistema histórico” como termo sublinha é a unidade da ciência social histórica. A entidade é simultaneamente sistêmica e histórica”⁶.

A preocupação com a unidade de análise adequada ainda perpassa pelo problema de recontar o passado, nas palavras do autor:

“A realidade social é efêmera. Existe no presente e desaparece à medida que se move para o passado. O passado pode apenas ser contado como realmente é, não como realmente foi. Pois recontar o passado é um ato social do presente, feito por homens do presente e afetando o sistema social do presente [...] A verdade muda porque a sociedade muda”⁷.

Dessa forma, a unidade de análise que Wallerstein julga apropriada são os sistemas sociais históricos. É um sistema à medida que se constrói em torno de uma divisão existente do trabalho que permite sustentar-se e reproduzir-se. Todo sistema é necessariamente histórico, quer dizer, o sistema nasceu em determinado momento no tempo como resultado de processos que podemos analisar, evoluiu no tempo (podemos analisar também) e acabou (ou acabará) porque chega um momento em que exauriu (ou irá exaurir) os modos com os quais tem possibilidade de conter suas contradições, deixando de existir como sistema.

Para o autor, a análise do Sistema Mundo traz uma *via media* entre as generalizações trans-históricas e as narrativas particularistas. Ou seja, o melhor método consiste em buscar uma análise que possua uma estrutura sistêmica, grande o bastante tanto temporal como

⁴ WALLERSTEIN, Immanuel. *Análise dos Sistemas Mundiais*, 1999, p.461.

⁵ Grifo do autor.

⁶ WALLERSTEIN, Immanuel. *Análise dos sistemas mundiais*, 1999, p.459.

⁷ Idem. *O Sistema Mundial Moderno*, 1990, p.20.

especialmente, para que contenha a lógica governante que determina a maior parte da realidade sequencial, enquanto simultaneamente reconhece e leva em conta que essas estruturas sistêmicas têm início e fim e, portanto, não devem ser concebidas como fenômenos eternos. Isto implica, então, que a cada instante deve-se olhar tanto para a estrutura (os ritmos cíclicos do sistema) quanto para os padrões de transformação interna (os trend seculares) que eventualmente trarão o fim do sistema. Isso mostra que é uma tarefa peculiar. Dessa forma, não deve haver nem historiador nem cientista social, mas apenas um cientista social histórico que analisa as leis gerais de sistemas particulares e as sequências particulares através das quais esses sistemas chegam ao seu fim⁸.

Wallerstein define que os sistemas sociais históricos podem ser de dois tipos: minissistemas e sistemas-mundo. Os minissistemas são assim denominados pois são de tamanho comparativamente pequeno e tendem a ser bastante breves em sua duração⁹. São economias tribais, com uma divisão do trabalho rudimentar, única cultura e única entidade política. Este tipo de sistema social histórico foi predominante nos primórdios da humanidade¹⁰. Atualmente, este sistema, como característica principal de sociedades agrícolas/caçadoras bastante simples, não existe mais¹¹.

Um sistema-mundo possui um horizonte espacial que é definido por uma divisão do trabalho que possibilita a reprodução material do mesmo. Sua expansão absorve parte da arena externa¹² a integrando ao organismo, que é movido por forças internas. Wallerstein divide os sistemas-mundo em dois tipos: impérios-mundo e economia-mundo.

Os impérios-mundo envolvem diversos grupos culturais que dependem de um sistema de governo único, que controla a divisão do trabalho, estabelece a apropriação de excedente (tributos) que é garantida por meio de um exército. Até 1500 as três variedades de sistema históricos coexistiram, porém, nesse período, os impérios-mundo foram predominantes, tendo uma duração maior que os outros sistemas e absorvendo-os durante suas expansões.

Já uma economia-mundo abarca diversos grupos culturais e políticos, que são interdependentes economicamente. Dessa forma, há uma unidade econômica dada pela divisão

⁸ WALLERSTEIN, Immanuel. *The Essential Wallerstein*, 2000, p.136.

⁹ *Ibid*, p.139.

¹⁰ *Idem*. *Geopolitics and geoculture*, 1991, p.215-230.

¹¹ *Idem*. *The Essential Wallerstein*, 2000, p. 75.

¹² Termo utilizado por Wallerstein para denominar as variadas formas de minissistemas, impérios-mundo e economias-mundo que não são parte do sistema-mundo moderno, embora possam ter relações com ele.

do trabalho e, exatamente por isso, que se usa a ideia de economia-mundo e não de uma unidade política central. Ou seja, a ligação entre os Estados é econômica. E é por essa razão que não se trata de um império-mundo, e sim, de um sistema interestatal.

1.2. O Moderno Sistema Mundo

A partir de 1500 uma qualitativa mudança ocorreu. Pela primeira vez na história humana, uma economia-mundo sobreviveu à sua fragilidade e se consolidou como um sistema capitalista, ao invés de ser absorvida por um império-mundo. Foi nesse momento que nasceu o moderno sistema mundo em que vivemos, ou seja, quando a economia-mundo virou o sistema histórico predominante¹³.

Assim, a economia-mundo *capitalista* que nasceu nesse momento, possui uma dinâmica política única, composta por diversos Estados soberanos diferentes, que interagem entre si, o que o autor denomina *sistema interestatal*. Cabe ainda ressaltar que, a economia-mundo capitalista, construída sobre uma divisão axial do trabalho, gerou uma distribuição desigual de seu produto entre as regiões que participam da produção mundial¹⁴.

Tal sistema não pode ser considerado como uma estrutura política unitária¹⁵, pois nenhum Estado tem poder suficiente para controlar todo o sistema. Porém, um estado hegemônico, capaz de influenciar o sistema interestatal e colher benefícios de tal fato, pode, e costuma existir.

Wallerstein coloca que essa estrutura política singular contribui de maneira decisiva para o fortalecimento da economia-mundo capitalista¹⁶, dado que o grande capital ganha uma margem de manobra extremamente ampla. O que tornou possível a expansão econômica constante do sistema-mundo, dado que até o final do século XIX, sua expansão havia englobado

¹³ WALLERSTEIN, Immanuel. *The Essential Wallerstein*, 2000, p.140.

¹⁴ “Ao se formar a divisão do trabalho entre diversas regiões da economia-mundo capitalista em expansão, forma-se uma relação centro-periferia onde são desenvolvidas as etapas das cadeias mercantis, sendo ela manipulada pelos Estados nacionais mais fortes de modo a garantir aos seus capitalistas locais o controle sobre o processo produtivo e comercial” (COBÉRIO, Caio. *O sistema Mundo e a Globalização*, 2008).

¹⁵ MARIUTTI, Eduardo. *Colonialismo, Imperialismo e Desenvolvimento Econômico europeu*, 2003, p.68.

¹⁶ “O sistema-mundo moderno surgiu como parte de um processo em que por um lado, houve a expansão de uma economia-mundo capitalista e por outro, a relação dela com um sistema interestatal” (COBÉRIO, Caio. *O sistema Mundo e a Globalização*, 2008, p.58).

o planeta todo. Nesse ponto, outra mudança qualitativa ocorreu e, pela primeira vez existia apenas um sistema histórico no planeta Terra.

Foi, precisamente, essa peculiaridade (múltiplos sistemas políticos dentro do sistema-mundo) que tornou possível o florescimento do capitalismo.

“O Estado moderno nunca foi uma entidade política autônoma”, escreve Wallerstein, “os Estados se desenvolveram e foram formados como parte de um sistema interestatal, ao qual correspondia um conjunto de regras dentro das quais os Estados tinham de operar e sem as quais eles não poderiam sobreviver”¹⁷. A dinâmica de concentração de poder produziu impulsos recorrentes no sentido de transformação do sistema interestatal em um império-mundo, como a tentativa dos Habsburgos, a de Napoleão e a de Hitler – Guerra dos 30 anos, Guerras Napoleônicas e as duas Guerras Mundiais, respectivamente. Mas essa tendência nunca prevaleceu no capitalismo histórico.

Dessa forma, o moderno sistema-mundo é, segundo Wallerstein, uma economia-mundo capitalista combinada com diversos Estados nacionais, que formam o sistema interestatal. Entendido isso, é necessário compreender o surgimento desse sistema.

1.3. O Nascimento do Sistema

O feudalismo não faz parte da tipologia dos sistemas-mundo como construída por Wallerstein¹⁸, mas o autor não deixa de caracterizá-lo. Assim, para ele, o feudalismo (Europeu Ocidental) aparece como:

“uma série de pequenos nódulos econômicos cuja população e produtividade aumentavam lentamente e em que os mecanismos legais asseguravam que a maior parte dos excedentes fossem para proprietários do estatuto nobre que controlavam a máquina jurídica”¹⁹.

Dessa forma, o feudalismo não poderia ser nem um império-mundo, dada a ausência de um poder central suficientemente forte e nem poderia ser uma economia-mundo, dada a sua precária estrutura econômica.

¹⁷ WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo Histórico & Civilização Capitalista* de Wallerstein, 2001, p.49.

¹⁸ MARIUTTI, Eduardo. *Colonialismo, Imperialismo e Desenvolvimento Econômico europeu*, 2003, p.96.

¹⁹ WALLERSTEIN, Immanuel. *O Sistema Mundial Moderno*, 1990, p.28.

Com a crise do feudalismo, essa descentralização política e econômica seria responsável pela formação do sistema interestatal tal qual conhecemos hoje. E, portanto, tal fato justifica para Wallerstein porque a economia-mundo foi capaz de prosperar justamente na Europa Ocidental - devido às características específicas do feudalismo que serviram de ponto de partida para o nascimento do sistema seguinte.

Wallerstein aponta que existem três explicações principais para a crise do feudalismo: a primeira afirma que ela seja um produto de tendências econômicas cíclicas. Em outras palavras, o ponto ótimo de expansão para a tecnologia utilizada na época havia sido atingido e, dessa forma, seguiu-se uma contração. A segunda explicação coloca que a crise foi o produto de uma tendência secular que, após mil anos de apropriação feudal do excedente, atingia o ponto em que os rendimentos se tornariam decrescentes. E a terceira explicação é climatológica, que responsabiliza o clima pela diminuição da produtividade dos solos, a escassez de alimentos e o consequente aumento de epidemias.

Para o autor, as três explicações individualmente não são suficientemente fortes para causar o fim do feudalismo e o surgimento do capitalismo na Europa. Mesmo porque, alterações cíclicas e climatológicas ocorreram em diversos lugares e não levaram ao capitalismo, e tendências seculares necessitam de uma análise estatística para comprovar sua veracidade. Porém, o conjunto dessas três causas parece, ao autor, o ideal para explicar a transição. Nas palavras dele:

“Acredito que é mais plausível trabalhar a base da hipótese de que a “crise do feudalismo” representou uma conjuntura de tendências seculares, uma crise cíclica imediata e um declínio climatológico. Foram precisamente as imensas pressões desta conjuntura que tornaram possível a magnitude da transformação social”.²⁰

Indo mais a fundo, Wallerstein destaca que o resultado do declínio do feudalismo foi uma das possibilidades dentre várias, e que era impossível antecipar esse resultado. Tendo essa visão, Wallerstein é contrário à quem vê a transição como algo destinado a ocorrer. Segundo ele:

²⁰ WALLERSTEIN, Immanuel. *O Sistema Mundial Moderno*, 1990, p.45.

“Não foi perguntado se houve alguma alternativa histórica plausível a esta ‘transição’ [...] Toda discussão está de fato centrada na premissa de que o que quer que tenha ocorrido tinha de ter ocorrido”.²¹

É necessário, portanto, determinar se a transição foi intrinsecamente necessária ou historicamente acidental antes de se construir “um edifício teórico completo para as ciências sociais históricas baseada em uma transição inevitável”²². Para Wallerstein, a transição foi historicamente acidental, exatamente por ter sido uma das milhares de opções que poderiam ter ocorrido.

Essa visão de Wallerstein, da transição, e o conseqüente nascimento da economia-mundo capitalista, reflete a opinião do autor sobre o momento histórico em que nos encontramos. Em outras palavras, dado o momento de bifurcação atual, é impossível saber o que virá em seguida com certeza. O que sucederá nosso sistema é apenas uma das diversas opções possíveis hoje, assim como foi na transição feudalismo-capitalismo.

1.4. Hegemonias na Economia Mundo Capitalista

Wallerstein irá definir hegemonia não como um “estado de ser”, mas sim “o fim de um fluido contínuo que descreve as relações de rivalidade das grandes potências entre si”²³. Usando essa definição, as únicas três hegemonias que existiram na economia mundo capitalista foram a holandesa (1625-72), a inglesa (1815-73) e norte-americana (1945-67).

O primeiro traço em comum entre todas elas é a sequência de conquistas e perdas de eficiência relativa em cada um dos três domínios econômicos. Em outras palavras, a potência primeiro atinge a hegemonia no campo da produção agro-industrial, depois no comércio e, por fim, nas finanças, e perde sua hegemonia nessas áreas na mesma sequência. Dessa forma, a hegemonia *per se*, refere-se ao período breve em que um país é hegemônico simultaneamente nestes três domínios.

O segundo traço em comum diz respeito à ideologia e a política da potência hegemônica. Os hegemons, durante o auge de seu poder, advogam em favor do “liberalismo” global. Tornando-se defensores do livre fluxo de fatores de produção em toda economia

²¹ WALLERSTEIN, Immanuel. *The West, capitalism and the modern world-system*, 1995, p.561.

²² Idem. *The West, capitalism and the modern world-system*, 1995, p.562.

²³ Idem. *The Essential Wallerstein*, 2000, p.255.

mundo, e sendo contrários a restrições mercantis e à posse de colônias por outros países poderosos.

O terceiro traço em comum refere-se ao poderio militar. Todas as três hegemonias da economia mundo capitalista chegaram à posição de hegemonia por meio de uma guerra mundial que durou por volta de trinta anos. Wallerstein, ao utilizar o termo “guerra mundial” refere-se a uma guerra em terra que envolve quase todas as grandes potências militares da época e que seja responsável por uma grande destruição física e populacional.

Tendo essa definição em mente, Wallerstein aponta a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) como a primeira guerra mundial, responsável pelo início da hegemonia holandesa. As Guerras Napoleônicas (1792-1815) seriam a segunda guerra verdadeiramente mundial e responsável pela hegemonia inglesa, em que a Inglaterra saiu vitoriosa sobre a França. E por fim, temos as guerras europeias (1914-1945), que trouxeram como resultado a hegemonia norte-americana, sobre a derrota alemã nas duas grandes guerras do século XX.

Entretanto, as hegemonias são breves porque possuem um alto custo, como coloca Wallerstein: “então vem a ‘responsabilidade pelo mundo’ com seus benefícios, mas também com seus custos (crescentes). Desse modo, a hegemonia é doce, mas breve”²⁴.

Wallerstein apresenta dois motivos para tal²⁵. Por um lado, para manter a ordem, o poder hegemônico tem que fazer uso de seu poder militar. E o uso da força militar tem seu custo em dinheiro e em vidas, o que gera um impacto negativo sobre os cidadãos da potência hegemônica, cujo “orgulho inicial na vitória tende a virar para angústia”²⁶ conforme os custos militares começam a ser repassados para eles. E, conforme o tempo passa, outros países se levantam para questionar o poder do hegemôn. Até que a situação se torne insustentável, e então, o poder hegemônico entra em um processo de declínio lento e irreversível em relação às potências emergentes.

Como apontado acima, o processo de declínio consiste em primeiro perder a hegemonia no campo agro-industrial, depois no comércio. Muitas vezes a hegemonia financeira é mantida por um tempo relativamente grande, até finalmente ser perdida para a nação sucessora do hegemôn, dando início ao processo seguinte de hegemonia.

²⁴ WALLERSTEIN, Immanuel. *The Essential Wallerstein*, 2000, p.262.

²⁵ Idem. *Crisis of the Capitalist System*, 2009, p.6.

²⁶ Ibid. p.6.

1.5. Análise da Dinâmica

Partindo para uma análise da dinâmica do moderno sistema mundo já constituído, temos que o que caracteriza um sistema-mundo é a sua dinâmica autocontida, assim, “o próprio sistema representa a unidade em torno da qual qualquer análise deve estruturar-se”²⁷.

Segundo o próprio Wallerstein, acumular por acumular, em outras palavras, a acumulação sem freios, representa o princípio nuclear que dá sentido e orienta este Sistema. Nas palavras do autor: “A diferença específica do sistema-mundo moderno não é a acumulação de capital, mas sim a prioridade dada à acumulação incessante de capital”²⁸.

Esse fundamento do sistema será a base de todas as instituições da economia-mundo capitalista, ou seja, elas serão designadas para recompensar materialmente os que aderem ao seu princípio básico e, indiretamente, punir os que não o fazem. Dessa forma, os Estados que pertencem ao sistema são instituições do mesmo e, com isso, estão sempre, de alguma maneira, tendo que reagir à primazia desse ímpeto capitalista. Ou seja, falar que um Estado por meio de uma revolução passou de capitalista para socialista é “uma descrição enganosa da realidade”²⁹ como coloca o autor, pois esse Estado tem como fundamento a acumulação sem limites e será punido pelos demais Estados, perdendo seu poder ou sua capacidade de influenciar o sistema.

Além disso, Wallerstein acredita que a grande maioria da população mundial hoje se encontra em piores condições do que se encontrava nos sistemas históricos anteriores. Ou seja, o sistema-mundo capitalista, com sua lógica de acumulação incessante de capital, não necessariamente representa um progresso em termos humanos³⁰. E mesmo assim ele foi implantado, segundo o autor, para reverter uma tendência que preocupava os estratos superiores. Em outras palavras, o capitalismo histórico surgiu através de uma luta intra-elite, que buscava se preservar no poder, dado que o velho sistema estava se desintegrando³¹.

²⁷ MARIUTTI, Eduardo. *Colonialismo, Imperialismo e Desenvolvimento Econômico europeu*. 2003, p.46.

²⁸ WALLERSTEIN, Immanuel. *O Fim do Mundo como concebemos*. 2003, cap. Change is eternal. Nothing never changes.

²⁹ Idem. *Utopística ou As Decisões Históricas do Século XXI*. 2000.

³⁰ Wallerstein não acredita na “lei do progresso inexorável”, pelo contrário, para o autor, retrocessos não apenas acontecem, como são bastante comuns (WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo histórico & Civilização capitalista*, 2001).

³¹ Isto será melhor tratado no Capítulo 2 do trabalho, trata-se da Revolução Francesa.

A delimitação espacial do sistema-mundo coincide com o eixo da divisão social do trabalho que integra suas partes constituintes. Há, dessa forma, uma interdependência da rede planetária de valorização do capital. Há ainda outro aspecto importante: a divisão do trabalho que articula a economia-mundo é regional. Existe, dessa forma, um centro, uma semiperiferia e uma periferia dentro deste sistema mundo³².

Como ressalta Mariutti: “a semiperiferia é um elemento estrutural necessário numa economia mundo”³³, pois são essas áreas intermediárias que reduzem a tensão entre os extremos do sistema (centro e periferia) e, assim, ajudam a preservar o sistema-mundo moderno.

Já em relação à duração de um sistema-mundo, o autor aponta três períodos, a saber, sua gênese, o período de “funcionamento normal” e seu declínio. Tanto o primeiro quanto o terceiro período tem em comum o fato de seu desenvolvimento ser imprevisível, como coloca o autor. Já o período de “funcionamento normal” possui contradições internas que determinam a sua evolução. Dessa forma, a evolução do sistema-mundo moderno apresenta duas dimensões:

(i) Tendências seculares, que estão diretamente relacionadas com a duração do sistema. São associadas ao movimento dos preços em intervalos de 150 a 300 anos, que compõem o padrão secular de inflação e deflação. (ii) Ciclos conjunturais, que se comportam, na economia mundo capitalista, de forma análoga aos ciclos de Kondratieff.

Dessa forma, pode-se dizer que Wallerstein se apropria desses dois tipos de ciclos importantes, o trend secular (i) e o ciclo de Kondratieff (ii), de Braudel³⁴. Caio Cobério coloca que “Juntos, esses dois movimentos formam uma música conjuntural longa, que ora reforçam-se ou atenuam-se, mutuamente”³⁵. Dessa forma, para Wallerstein, esta combinação de ciclos e de tendências seculares é inerente ao funcionamento normal de um sistema. Nas palavras do autor,

³² Cabe ressaltar que ao se inserir uma arena externa ao sistema mundo, sua forma de inserção irá depender “do poder relativo das estruturas políticas presentes nas regiões recém-incorporadas” (MARIUTTI, 2003, p.85), ou seja, dependendo do poder relativo da arena externa a ser incorporada, ela pode entrar no sistema tanto como periferia, quanto como semi-periferia.

³³ MARIUTTI, Eduardo. *Colonialismo, Imperialismo e Desenvolvimento Econômico europeu*, 2003, p.47.

³⁴ COBÉRIO, Caio. *Os Sistemas Mundo e a Globalização*, 2008.

³⁵ Ibid. p.60.

“argumentar em favor dos ritmos cíclicos [ciclos de Kondratieff] não é de forma alguma negar os trends seculares. Esses ritmos são os ritmos de um sistema histórico e, dado que são rítmicos e não simétricos, são eles que compõem o trend secular. E são esses próprios trends que, em seu desenvolvimento contraditório, levam a um ponto de bifurcação. [...] O processo de transição é longo, e durante esse processo, os ritmos cíclicos do sistema existente não param de operar, pelo contrário, é sua operação contínua que causa a transição”³⁶.

Segundo Wallerstein, em *Uma Nova Fase do Capitalismo?*, para se analisar a situação atual, pode-se definir dois eixos de análise: o primeiro se inicia em 1945 e vai até os dias atuais e o segundo vai de 1450 e continua até hoje. O período iniciado em 1945 é um ciclo de Kondratieff, em que sua fase A (de alta) se estende de 1945-1967/73, e uma fase B (de baixa)³⁷ que vai até os dias atuais. Por outro lado, o período que se estende de 1450 até os dias de hoje marca os limites do ciclo de vida da economia mundo capitalista, que compõem seu período de formação, de desenvolvimento e a “crise terminal”³⁸.

O período de 1945 a 1970 foi o momento mais alto da hegemonia americana e também o momento de maior expansão que um ciclo A de Kondratieff teve, pelo menos que temos registro. Já no final dos anos 60 e início dos 70 houve a junção do movimento de queda dos dois ciclos que fazem parte da dinâmica do moderno sistema mundo. Essas quedas fazem parte da movimentação natural dos ciclos. Para entender o porquê, devemos levar duas coisas em consideração, conforme coloca Wallerstein³⁹.

Primeiro, todos os sistemas têm ritmos cíclicos: é a forma que o sistema encontra de lidar com as inevitáveis flutuações em suas operações. Em segundo lugar, é por meio desse movimento que o capitalismo como Sistema Mundo funciona. Existem dois problemas chave: como os produtores fazem lucro e como o Estado garante a ordem no mundo necessária à geração de lucro.

³⁶ WALLERSTEIN, Immanuel. *The Essential Wallerstein*, 2000, p.217.

³⁷ Cabe ressaltar que Wallerstein não concorda com a visão em que a fase A de Kondratieff seria uma “fase boa” e a fase B uma “fase ruim”. Na verdade, o autor utiliza a seguinte analogia: “utilizando como analogia a respiração de um ser vivo, na fase A, é aquela em que se inala o oxigênio das novas invenções, investimentos, expansões; na fase B, exala-se as substâncias tóxicas (eliminando os produtores e as linhas de produção ineficientes), o que permite revitalização” (WALLERSTEIN, Immanuel. *The Essential Wallerstein*, 2000, p.218).

³⁸ WALLERSTEIN, Immanuel. *Mundialização ou a era de transição? Uma visão de longo prazo da trajetória do sistema mundo*, 2003, p.73.

³⁹ Idem. *Crisis of the Capitalist System*, 2009.

Para acumular capital, os produtores precisam obter lucros de suas operações. Entretanto, lucros consideráveis só são obtidos se o produtor conseguir vender seu produto por um preço consideravelmente acima do custo de produção. Isso é impossível em uma competição perfeita. Dessa forma, para obter um grande lucro é necessário monopólio. Afinal, se há monopólio, o vendedor pode estabelecer qualquer preço, desde que a elasticidade da demanda permita. A qualquer momento em que a economia mundial esteja se expandindo significativamente, descobriremos que existem alguns produtos "líderes", que são relativamente monopolizados. É a partir desses produtos que grandes lucros são feitos e grandes quantidades de capital podem ser acumuladas. As ligações "para frente" e "para trás" desses principais produtos nas cadeias de produção são a base de uma expansão global da economia mundial. Chamamos isso de fase A de um ciclo de Kondratieff⁴⁰.

O problema para os capitalistas é que todos os monopólios se autoliquidam. Isso porque existe um mercado mundial no qual novos produtores podem entrar, por mais politicamente defendido que seja um dado monopólio. E, embora a entrada leve tempo, mais cedo ou mais tarde outros podem conseguir espaço no mercado e o grau de concorrência aumenta. E, conseqüentemente, com o aumento da concorrência, há a queda dos preços e, logo, dos lucros. Quando os lucros dos principais produtores caem suficientemente, a economia mundial deixa de se expandir e entra em um período de estagnação. É a chamada fase B de um ciclo de Kondratieff.

A segunda condição para o lucro capitalista é que exista algum tipo de ordem mundial relativa. Embora as guerras mundiais ofereçam as possibilidades de alguns empreendedores obterem grandes ganhos, elas também ocasionam uma enorme destruição do capital fixo e considerável interferência no comércio mundial. Assegurar essa situação relativamente estável é tarefa de uma potência hegemônica, isto é, é necessário um poder suficientemente forte para impor tal estabilidade relativa ao sistema mundial como um todo.

E, embora os ciclos hegemônicos tenham sido muito mais longos que os ciclos de Kondratieff, não é tão fácil, num mundo de múltiplos estados soberanos, que um Estado se estabeleça como potência hegemônica e se mantenha como tal. Ocorreu apenas três vezes no moderno sistema mundo: primeiro pelas Províncias Unidas em meados do século XVII, depois

⁴⁰ WALLERSTEIN, Immanuel. *Crisis of the Capitalist System*, 2009, p.3.

pelo Reino Unido em meados do século XIX e, finalmente, pelos Estados Unidos em meados do século XX, conforme foi detalhado na seção anterior.

O problema para a potência hegemônica é o mesmo que o problema para uma indústria líder. O monopólio se autoliquida. O custo da hegemonia torna-se insustentável, e então, o poder hegemônico entra em um processo de declínio lento e irreversível em relação às potências emergentes.

O período por volta de 1965-1970 é marcado pelos dois tipos de declínio: o fim da fase A mais expansiva de Kondratieff e o início do declínio da potência hegemônica historicamente mais poderosa. É a somatória destes dois fatores que criou um ponto de viragem tão notável. Por isso que o autor pontua a Revolução mundial de 1968 como um ponto de bifurcação.

Foi exatamente nesse período que a economia-mundo entrou em seu longo período de estagnação. Nesse momento, os detentores de capital moveram-se da esfera produtiva para a esfera financeira, na busca por maiores lucros. Com isso o desemprego aumentou de maneira significativa no mundo e houve uma mudança dos locais da produção, que se deslocaram dos centros para a periferia, em busca de salários mais baixos.

A fase B do ciclo de Kondratieff teve seu início marcado pela elevação do preço do petróleo pela OPEP, que teve como consequência o aumento de praticamente todos os outros preços. Logo depois, já nos anos 1980, outro grave problema econômico assolou o sistema mundo: o crédito cedido à periferia estava minguando e, como consequência, a crise da dívida eclodiu.

Analisando agora o trend secular, a economia-mundo capitalista durou muito tempo, graças a mecanismos estabilizadores, que reestabeleceram o equilíbrio cada vez que os processos próprios desse sistema sofreram perturbações. Mas, “o equilíbrio jamais se restabelece de maneira idêntica, pois as correções implicam certas mudanças nos parâmetros fundamentais do sistema” como coloca o autor⁴¹. Porém, as tendências seculares não duram *ad infinitum*, e “chocam-se com assíntotas”⁴². Em situações assim, os ciclos não conseguem mais

⁴¹ WALLERSTEIN, Immanuel. *Mundialização ou era de transição*, 2003, p.85.

⁴² Idem. *Crisis of the capitalist system*, 2011, p.15.

assegurar um retorno ao equilíbrio e o sistema se vê, então em dificuldade. Ou seja, o sistema entra em sua crise final e encontra-se diante de uma bifurcação⁴³.

Nas palavras do autor:

“Estamos em uma bifurcação sistêmica, o que quer dizer que ações muito pequenas de grupos aqui e ali podem deslocar os vetores e formas institucionais em direções radicalmente diferentes”.⁴⁴

Wallerstein acredita que existem três grandes tendências estruturais de longo prazo: a desruralização, o esgotamento ecológico e a democratização. Elas vêm ocorrendo ao longo dos últimos 400 a 500 anos, e são responsáveis pela queda considerável da taxa de lucro dos últimos tempos.

A desruralização provoca o desaparecimento progressivo da principal fonte de mão de obra, dado que as massas da cidade, ao contrário dos trabalhadores rurais, nem sempre aceitam os baixos salários pagos pelos industriais, preferindo, muitas vezes, um emprego no setor informal. Dessa forma, a escassez de mão de obra leva a um aumento do seu preço (salários), que aumenta o custo total dos produtores.

Já esgotamento ecológico gerou uma assíntota na qual a externalização dos custos torna-se muito pesada para ser suportada pela coletividade. Em outras palavras, os séculos exploração ecológica com externalização dos custos pelos capitalistas tornou irrealizável a continuidade desta prática, obrigando-os a finalmente internalizar esse custo, o que, mais uma vez, gerou uma redução da sua margem de lucro via aumento de custo.

E, por fim, a democratização cobrou seu preço ao aumentar as exigências das massas para além do desejo dos capitalistas, o que, mais uma vez elevou os custos dos capitalistas.

Todas essas pressões de custo foram responsáveis pelo achatamento a margem de lucro dos produtores. O contra-ataque dos capitalistas à essa queda de sua margem de ganho é observável no “conjunto da ofensiva neoliberal dos últimos 20 anos”.⁴⁵

⁴³ Bifurcação é um termo utilizado por Wallerstein emprestado da física, que se refere à situação em que as equações fundamentais que expressam a dinâmica do sistema podem ser resolvidas de duas maneiras diferentes. Ou seja, é um momento em que o sistema existente irá virar definitivamente para um lado ou para outro, e um novo sistema, ou múltiplos novos sistemas, irão emergir. (WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalism, Structural Crises and Contemporary Social Movements: An Interview with Immanuel Wallerstein*, 2014).

⁴⁴ WALLERSTEIN, Immanuel. *O Fim do Mundo como Concebemos*, 2003, p.169.

⁴⁵ Idem. *Mundialização ou a era de transição?*, 2003, p.90.

Para o autor, “sem dúvida, registraremos uma nova expansão ao final de uma última contração da economia-mundo [...] Pode-se prever que a próxima expansão verá todas as tendências estruturais que pressionam os lucros se exacerbarem”.⁴⁶ O que, enfim, tornará impossível manter o sistema funcionando sob a mesma dinâmica. Mudanças nas bases fundamentais do sistema serão necessárias.

Embora Wallerstein considere outras várias possibilidades, em *Capitalismo Histórico & Civilização Capitalista* o autor destaca três tipos de fórmulas sociais⁴⁷ que parecem plausíveis como desfecho do momento atual de bifurcação, dado a análise da história do sistema-mundo. São elas: Um “neofeudalismo”, em que haveria soberanias parceladas em meio a um grande número de regiões autárquicas; um “fascismo democrático”, que dividiria o mundo em dois estratos com características de casta; e uma “nova ordem mundial altamente igualitária” que, para o autor, parece a mais utópica das três opções. Wallerstein ainda completa que:

“[...] a escolha dependerá do nosso comportamento mundial coletivo ao longo dos próximos cinquenta anos. Seja qual for a opção escolhida, não será o fim da história, mas em um sentido real o seu começo”.⁴⁸

⁴⁶ WALLERSTEIN, Immanuel. *Mundialização ou a era de transição?*, 2003, p.91.

⁴⁷ Idem. *Capitalismo Histórico & Civilização Capitalista*, 2001, p.142-3.

⁴⁸ Ibid. p.143.

Capítulo 2

2.1. Revolução Francesa

2.1.1. Debate Historiográfico

Hobsbawm⁴⁹ salientará que quando olhamos para o passado como, por exemplo, a história da Revolução Francesa, inevitavelmente escrevemos a história de nosso próprio tempo. Nas palavras do autor “empreendemos as batalhas de hoje no figurino do período”⁵⁰. Esse foi, em grande parte, o motivo para a Revolução Francesa ser vista de maneira tão diferente através do tempo.

Segundo o autor, 1848 via o jacobinismo da Revolução Francesa como solução de seus problemas. Os revolucionários de 1848 ainda pensavam em termos de 1789-94, mesmo tendo ciência de que a Revolução na França ainda não estava completa (uma democracia ainda não havia sido plenamente instaurada).

Já em 1917, a Revolução Francesa era vista como modelo. Os intelectuais russos do período procuravam até mesmo contrapartes russas para as figuras famosas da Revolução na França. Isso apenas reflete o quão importante era essa primeira Revolução para eles. Os russos, ainda observavam que a Revolução parecia algo natural, em outras palavras, eles a viam não tanto como um conjunto de decisões planejadas e ações controladas por seres humanos, mas um acontecimento que tem sua própria dinâmica e sua própria lógica imprevisível. O autor, citando Lênin, coloca que: “não sabemos, e *não podemos saber*, nada dessas coisas. *Ninguém* está em posição de saber”⁵¹.

Segundo Hobsbawm, a interpretação tradicional da Revolução Francesa a tem como um movimento burguês. Assim, nessa visão, em 1789 ocorreu uma revolução da burguesia contra os resquícios feudais da sociedade, ou seja, é uma revolução de insurgência de uma classe, os burgueses, contra outra classe, a elite.

Mas essa visão se altera, segundo Hobsbawm, a partir da década de 1970, quando surge um revisionismo geral sobre essa interpretação consolidada da Revolução Francesa. Este revisionismo é, tal como apresenta Hobsbawm⁵², um aspecto de um revisionismo muito maior

⁴⁹ HOBBSAWM, Eric. *Ecos de Marselhesa*, 1996.

⁵⁰ Ibid. p.14.

⁵¹ Ibid. p.77.

⁵² Ibid. p.108.

sobre o processo do desenvolvimento ocidental na Era do capitalismo e em seu interior. O que não afeta apenas a interpretação marxista, mas também a maioria das outras interpretações históricas desse processo, pois, dadas as mudanças extraordinárias que transformaram o mundo desde o final da Segunda Guerra, todas elas defrontam-se com a necessidade de se repensarem.

Dessa forma, o revisionismo discorda da visão de que a Revolução Francesa foi o momento histórico em que as massas oprimidas, no caso, a burguesia, se rebelaram contra a elite, lhe tomaram o poder e deram um novo rumo ao Estado. O principal argumento desta visão se funda em uma suposta evidência de que pouco mudou na França após a tomada do poder pela burguesia. Ou seja, não há sentido em acreditar que a burguesia tomou o poder da elite para realizar mudanças políticas e econômicas para se favorecer e, ao tomar o poder, não mudou nada.

Wallerstein se encaixa nesse movimento revisionista ao discordar que a Revolução Francesa foi o meio pelo qual a burguesia tomou o poder. Na verdade, o autor vê a Revolução como uma forma da elite que, portanto, já estava no poder, manter sua posição privilegiada, em outras palavras, é uma luta intra-elite. Ou seja, não foi o momento histórico de ascensão da burguesia ao poder, e sim a forma da elite feudal fazer pequenas mudanças na sociedade que possibilitariam a sua permanência como elite.

2.1.2. Revolução Francesa - Wallerstein

Wallerstein em seu terceiro volume do Sistema Mundial Moderno⁵³ traz a discussão da luta hegemônica entre França e Inglaterra, bem como as consequências da Revolução Industrial e Francesa para o desenvolvimento do mundo moderno. A luta contínua e aberta entre as duas clamantes à hegemonia (Inglaterra e França) ocorreu sob circunstâncias de uma renovada expansão do capitalismo, resultante da reestruturação da economia-mundo durante a longa estagnação do século XVII.

Wallerstein aponta duas conjunturas principais que explicam a Revolução Francesa: a conjuntura econômica e a conjuntura política, da máquina do estado (mais especificamente do crescente déficit público). Porém, na visão do autor, se fossem apenas essas duas conjunturas teria ocorrido uma Revolução Francesa “fraca”. A centralidade da Revolução Francesa é

⁵³ WALLERSTEIN, I. *The Modern World-System III*, 1989, p.94.

consequência da centralidade da disputa entre França-Inglaterra pela hegemonia da economia-mundo.

Para Wallerstein, a Revolução Francesa é o maior evento do mundo moderno, principalmente pelas suas consequências, e nem tanto pelas suas causas. Esse impacto da Revolução é resultado do lugar em que ela se deu: no país que perdeu a luta pela hegemonia. Em outras palavras, a Revolução Francesa foi decisiva em garantir a vitória Britânica. Mas é exatamente por causa da derrota geoeconômica e geopolítica, que a Revolução Francesa atingiu seus objetivos a longo prazo no campo ideológico.

Além disso, para o autor, o triunfo da burguesia sobre a aristocracia na Revolução Francesa não é nem o pré-requisito, nem a consequência de uma transição do feudalismo ao capitalismo na França. Mas sim a expressão de uma aguda luta intra-elite sobre a constituição e as políticas básicas do Estado francês.

Embora Wallerstein não concorde com a teoria de uma revolução burguesa⁵⁴, dado que ela não resiste ao fato de o capitalismo na França existir bem antes de 1789, ele vê três pontos cruciais na Revolução Francesa. Pontos estes que, embora sejam bastantes distintos entre si, são profundamente relacionados: em primeiro lugar, foi uma tentativa relativamente consciente por parte de um grupo diverso de estratos capitalistas no poder para forçar as extremamente necessárias reformas no Estado francês à luz da percepção de que a Inglaterra estava à frente na luta pelo status hegemônico na economia mundo. Enquanto as reformas foram alcançadas, o objetivo de impedir a hegemonia inglesa não. Na verdade, o processo revolucionário francês provavelmente garantiu a liderança inglesa. Em segundo lugar, a Revolução criou as circunstâncias para a quebra da ordem pública suficientemente fortes para possibilitar o primeiro movimento antissistêmico importante (isto é, anti-capitalista) da história do moderno Sistema Mundo, ou seja, o das massas populares francesas. Para o autor, claramente foi um movimento que falhou, porém deu a base para o surgimento de outros movimentos antissistêmicos posteriores. E, em terceiro lugar, a Revolução providenciou um choque necessário para o moderno Sistema Mundial como um todo ao trazer uma nova esfera cultural-ideológica à tona. Os primeiros centros da economia mundo capitalista viviam, em grande parte, sob uma ideologia feudal. E embora isso não fosse nem anormal nem inesperado, não

⁵⁴ A teoria da revolução burguesa estabelece a Revolução Francesa como uma revolução realizada pela burguesia para tomar o poder e tornar-se a classe dominante.

poderia durar para sempre e, o grande mérito da Revolução Francesa foi marcar o momento em que a ideologia feudal se esfacelou.

Portanto, para Wallerstein, a consolidação do Moderno Sistema Mundo surge com uma luta intra-elite (Revolução Francesa). Este conflito garantiu à Inglaterra o centro hegemônico e, teve como resultado, o surgimento do primeiro movimento antissistêmico (que irá inspirar vários outros). Sendo então o responsável pelo fim da ideologia feudal, e pela consolidação da economia mundo capitalista como o sistema histórico em que estamos inseridos até os dias de hoje.

2.2. 1848

2.2.1. Debate Historiográfico

Hobsbawm argumenta⁵⁵ que nas vésperas de 1848 independente da ideologia, acreditava-se que a vida humana enfrentava uma possibilidade de melhoria material que traria o controle do homem sobre as forças da natureza. Porém, na década de 1840 a maioria da população mundial ainda vivia no campo, a escravidão continuava a se expandir (principalmente concentrada no Brasil e nos EUA), ainda havia camponeses na Rússia e em outras regiões da Europa e a monarquia continuava sendo o modo mais comum de governo. Ou seja, embora muitas coisas tivessem mudado, muito continuava o mesmo.

Segundo Hobsbawm “O mundo da década de 1890 se achava fora de equilíbrio. As forças de mudança econômica, técnica e social desencadeadas nos últimos 50 anos não tinham paralelo, eram irresistíveis mesmo para o mais superficial dos observadores”⁵⁶. Como exemplo, o autor cita que era evidente que a escravidão e a servidão não poderiam durar para sempre, bem como a Inglaterra não poderia permanecer para sempre como único país industrializado e, realmente, já dava mostras de tal fato, como observado por Tocqueville⁵⁷, que já previa que o tamanho e os recursos potenciais dos Estados Unidos e da Rússia transformariam ambos em grandes potências e que em breve, dentro da Europa, a Alemanha estaria apta a entrar em competição com a Inglaterra em termos iguais.

Dessa forma,

⁵⁵ HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções*, 2014, p. 458.

⁵⁶ *Ibid.* p. 464.

⁵⁷ Conforme aponta Hobsbawm na *Era das Revoluções*, p.464.

“Era inevitável que as aristocracias proprietárias de terras e as monarquias absolutas perderiam força em todos os países onde uma forte burguesia estava-se desenvolvendo, quaisquer que fossem as fórmulas ou acordos políticos que encontrassem para conservar sua situação econômica, sua influência e sua força política. Além do mais, era inevitável que a injeção de consciência política e de permanente atividade política entre as massas, que foi o grande legado da Revolução Francesa, significaria, mais cedo ou mais tarde, um importante papel dessas mesmas massas na política. [...] Essas mudanças - quaisquer que fossem seus motivos institucionais - não poderiam mais ser adiadas”.⁵⁸

1848 não foi meramente um breve episódio histórico sem consequências para Hobsbawm. Embora as mudanças que 1848 realizou não tivessem sido as que os revolucionários pretenderam, elas mesmo assim foram profundas. O ano de 1848 marcou o fim da “política da tradição”, das monarquias que acreditavam que seus povos aceitavam e até acolhiam a regra do direito divino, que apontava dinastias para presidir sobre sociedades hierarquicamente estratificadas, tudo sancionado pela tradição religiosa. A partir deste ponto histórico, as forças do conservadorismo, do privilégio e da riqueza teriam que se defender de outras maneiras.⁵⁹

Dessa forma, segundo Hobsbawm, a maior inovação trazida por 1848 foi a percepção de que os defensores da ordem social precisaram aprender a política do povo.

A visão de Wallerstein se assemelha à de Hobsbawm no que tange ao resultado de 1848: os poderosos perceberam a necessidade de encontrar uma ideologia, um meio caminho, para poder controlar a população e legitimar seu poder. E, embora Hobsbawm não explicita tão claramente conforme faz Wallerstein, a ideologia que emerge hegemônica deste cenário é o liberalismo.

2.2.2. 1848 - Wallerstein

Como apontado acima, a Revolução Francesa foi o ponto final de um longo processo, não apenas na França, mas em toda economia mundo capitalista. Em 1789 grande parte do globo já fazia parte deste sistema histórico, dessa forma, a maior parte das instituições-chaves do sistema já haviam sido estabelecidas e consolidadas, tais como a divisão axial do trabalho, com grande transferência de excedente das zonas periféricas para o centro; a supremacia da

⁵⁸ HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções*, 2014, p.465.

⁵⁹ Idem. *A Era do Capital*, 2014, p. 54.

recompensa àqueles que buscam a acumulação incessante de capital; o sistema interestatal bem constituído e operando segundo suas “regras”; e a crescente polarização econômica e social do mundo⁶⁰.

O que faltava ainda no capitalismo histórico era uma geocultura legitimadora. O que a Revolução Francesa fez foi desencadear um clamor do público, para que se fossem aceitas duas novas visões de mundo: que a mudança política era um fato normal, nada excepcional, e que a soberania residia no povo e não em um soberano. E embora em 1815 Napoleão tenha sido derrotado e tenha se seguido a Restauração, esta não pôde desfazer a aceitação geral dessas visões de mundo, nem mesmo impedir que elas se espalhassem ainda mais.

Foi para lidar com essa nova situação que o conservadorismo, o liberalismo e o socialismo passaram a existir, fornecendo a linguagem dos subseqüentes debates políticos da economia mundo capitalista.

Porém, destas três ideologias, foi o liberalismo que saiu triunfante, justamente na primeira revolução mundial do nosso sistema histórico, a Revolução de 1848.

Wallerstein escreve que:

“A construção do Estado liberal europeu foi o fato político principal do século XIX e a contrapartida fundamental da já consumada conquista europeia do mundo inteiro, baseada no racismo teorizado. Chamo isto de institucionalização da ideologia liberal, como geocultura da economia mundo capitalista”.⁶¹

Isto se deu porque o liberalismo era a geocultura mais viável para a economia mundo. Dado que ela seria capaz de legitimar outras instituições, tanto aos olhos dos estratos dominantes, quanto aos olhos das massas populares. A pergunta é: como?

Quando as pessoas acreditam que mudanças políticas são normais e que a soberania pertence a elas, os poderosos e as classes privilegiadas têm um problema em suas mãos: como evitar que essas classes perigosas levem muito a sério essas normas e queiram interferir no processo de acumulação de capital minando a estrutura básica do sistema?

⁶⁰ WALLERSTEIN, Immanuel. *The Essential Wallerstein*, 2000, p.418.

⁶¹ Idem. *A reestruturação capitalista e o Sistema Mundial*, 1997, p.255.

Uma resposta óbvia, como coloca Wallerstein, era a repressão. E embora esse meio tenha sido amplamente usado, a lição retirada da Revolução de 1848 foi que apenas repressão não é plenamente eficaz, já que provoca as classes perigosas, apenas piorando os ânimos, ao invés de acalmá-las. Ou seja, 1848 deixou claro que para a repressão ser efetiva ela deveria vir combinada a concessões.

Wallerstein divide essas concessões em três níveis: primeiro, dar progressivamente a todos o sufrágio (seguindo a lógica de que o voto satisfaria o desejo de participação, criando um sentimento de pertencimento à sociedade); o segundo seria aumentar progressivamente as rendas reais das classes inferiores mediante o bem estar social (a lógica era tornar a vida das classes mais baixas boa o bastante para que estas não se importassem em ser as classes mais baixas)⁶²; e o terceiro nível seria criar uma identidade nacional e também transnacional branco-europeia (o que criaria um inimigo em comum, “o estrangeiro”, que roubaria as atenções da luta de classes).

Por outro lado, os revolucionários também aprenderam algo: revoltas espontâneas não são muito eficazes, dado que elas são mais fáceis de serem suprimidas. Ameaças de insurreição popular teriam que ser combinadas com organização política consciente a longo prazo, caso desejassem acelerar mudanças significativas.

Assim, o liberalismo oferecia a solução imediata para as dificuldades políticas tanto da Esquerda quanto da Direita. Para a Direita ele pregou concessões e, para a Esquerda, pregou a organização política. E para ambas, ele pregou paciência: no longo prazo, haveria mais ganho (para todos) pela *via media*.

Nas palavras de Wallerstein, o liberalismo pregou a ideia do “reformismo racional”⁶³, que era, na prática, extremamente atraente:

“Os poderosos e privilegiados não perdiam nada de fundamental importância para eles, e dormiam mais pacificamente à noite (com menos revolucionários nas suas janelas). Para os radicais [...] o reformismo racional providenciava algumas mudanças fundamentais aqui e agora sem eliminar a esperança e expectativa de mais mudanças fundamentais no futuro. Ele fornecia, acima

⁶² “Os custos dessas transferências de mais-valia seriam menores que os custos de insurreições, e em todo caso, seriam pagos pelo Terceiro Mundo” (WALLERSTEIN, Immanuel. *A reestruturação capitalista e o Sistema Mundial*, 1997, p.255).

⁶³ As reformas seriam feitas pelos mais racionais, isto é, os com mais educação, mais habilidosos e, portanto, os mais sábios.

de tudo, mudanças ainda na vida destes homens. E estes homens dormiam mais pacificamente à noite (com menos policiais nas suas janelas)”.⁶⁴

Wallerstein destaca, portanto, as Revoluções de 1848 justamente pela centralidade que elas dariam ao liberalismo no sistema histórico. E, ao analisar a revolução de 1968 na visão do autor, veremos que a bifurcação, que se inicia nesse período, está profundamente relacionada com a decadência na crença liberal.

2.3. Revolução Russa

2.3.1. Debate Historiográfico

Os primeiros textos sobre a Revolução Russa começaram a aparecer quase imediatamente ao seu acontecimento e foram de cunho jornalístico (como o famoso *Dez dias que Abalaram o Mundo* de John Reed, jornalista americano que presenciou os eventos na Rússia) ou de cunho (auto)biográfico de participantes *in loco* dos acontecimentos.

Ao contrário de Revoluções, como a Francesa, que demoraram a escrever sua própria história, a Revolução Russa logo empreendeu esforços sistemáticos para a elaboração de documentos e estudos históricos sobre si⁶⁵. Havia ainda, no período, uma discussão entre os estudiosos se a revolução era proletária e camponesa ou se era uma revolução da *intelligentsia* (que se refletia no crucial papel cumprido por intelectuais como Lenin e Trotski). E de fato, a presença de intelectuais de alto grau impulsionou o desenvolvimento de uma espécie de História Imediata, inclusive com análises teóricas aprofundadas, conforme foi citado acima.

Já na década de 1930, marca-se um ponto de virada na historiografia da Revolução, com o fim da NEP, com o início da industrialização e coletivização agrícola forçadas, e com a construção de uma forma de pensamento único a partir da liderança de Stalin. Já no Ocidente surgem os primeiros trabalhos intelectuais de maior monta, como a famosa obra de William Henry Chamberlin, *The Russian Revolution 1917-21*. Por outro lado, dado a crise econômica enfrentada no Ocidente nos anos 1930 e frente às taxas de crescimento formidáveis apresentadas pela URSS, tornou-se também muito presente os relatos de Walter Duranty,

⁶⁴ WALLERSTEIN, Immanuel. *The Essential Wallerstein*, 2000, p.420.

⁶⁵ SEGRILLO, Ângelo. *Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens*, 2010, p.66.

correspondente do New York Times em Moscou, que dava bastante ênfase às diferenças econômicas e sociais entre os dois países.

Wallerstein aponta que a tomada do poder pelos Bolcheviques levou a um grande debate em relação à natureza do regime que havia se estabelecido. Não muito depois uma distinção teórica emergiu no pensamento soviético – a diferença entre “socialismo” e comunismo”, que seriam então dois estágios do desenvolvimento histórico, um possível no presente e, o outro, apenas no futuro. Dessa forma, em 1936 Stalin proclamou que a URSS havia se tornado um Estado socialista (embora ainda não comunista)⁶⁶.

Já a Segunda Guerra Mundial funcionará como o verdadeiro ponto de viragem na historiografia da Revolução Russa, que separará a “pré-história” da “história” da Revolução⁶⁷. Isso ocorre tanto porque passado algumas décadas, o distanciamento histórico possibilitou um olhar mais crítico, por parte do Ocidente, com uma visão retrospectiva dos acontecimentos de 1917, mas, também, por causa da polarização URSS-EUA mais acentuada, resultado da Guerra Fria.

Nesse contexto então, é possível apontar dois grandes grupos de interpretações históricas de 1917: (i) os tradicionalistas (também conhecidos como *cold warriors*) e (ii) os revisionistas pós-meados dos anos 1960.

O primeiro grupo dá ênfase na história política e das elites em que a tomada do poder pelos bolcheviques era frequentemente vista como um acidente histórico ou um golpe por um pequeno grupo de políticos marxistas sem enraizamento real na sociedade russa.

Já a segunda visão, o revisionismo da década de 1960, conquistou espaço principalmente com as Revoluções de 1968. Com o maior acesso a arquivos soviéticos, diversos revisionistas passaram a notar a grande complexidade da realidade russa em 1917. Como consequência, surge uma historiografia social da Revolução - passa-se a estudar as diferentes classes sociais para entender as grandes contradições estruturais que levaram à eclosão da Revolução. Dessa forma, os bolcheviques deixaram de ser apenas marxistas que se aproveitaram de circunstâncias peculiares para tomar o poder e passam a ser vistos como um partido que, de certa forma, respondia às necessidades e anseios da grande parte da população.

⁶⁶ WALLERSTEIN, Immanuel. *The Essential Wallerstein*, 2000, p.79.

⁶⁷ SEGRILLO, Angelo. *Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens*, 2010, p.72.

Para estes autores, na verdade, a crescente polarização social e a consequente radicalização das massas e de suas organizações representativas ao longo de 1917 levou a um apoio às propostas e políticas mais radicais dos bolcheviques. Já nas décadas de 1970 e 1980, os revisionistas progressivamente alcançaram mais altas posições hierárquicas na academia e, ao final do período, já poderiam ser considerados a visão hegemônica.

Com a Perestroika, o fim da URSS e a queda do Muro de Berlim surge um período pós-revisionista, com quatro grandes tendências bastante variadas: (i) a reafirmação de alguns princípios dos *cold warriors* dada a dissolução da URSS e o “triunfo do capitalismo”, (ii) a reafirmação da visão revisionista que, com os dados provindos da abertura dos arquivos soviéticos, reforçam o quadro mais plural, complexo e polifônico dos historiadores sociais da Revolução Russa, (iii) um aumento dos estudos regionais baseados em densa pesquisa arquivística (possibilitada também pela abertura dos arquivos) que estende o conhecimento do Ocidente sobre o funcionamento da sociedade soviética em regiões mais rurais e afastadas e (iv) o crescente número de estudos que enfatizam questões de cultura e linguagem como meio de se estudar as realidades sociais e políticas do período revolucionário - ou seja,

“examina-se a linguagem e os símbolos através dos quais eram expressos acontecimentos revolucionários, ao mesmo tempo que se analisa como esta linguagem formatava a maneira como eram vistos e comunicados aqueles acontecimentos, estabelecendo, assim, contextos que limitavam, estimulavam, transmitiam, distorciam e qualificavam os atores e acontecimentos sociais e políticos com que o povo se defrontava no seu dia-a-dia”.⁶⁸

A visão de Wallerstein sobre a Revolução Russa se aproxima mais da visão revisionista que começou a tomar forma em 1968 e se desenvolveu plenamente no final dos anos 1980. Isso porque o autor não vê os bolcheviques como totalmente descolados da sociedade russa, muito menos como um conjunto de marxistas fanáticos que teriam se aproveitado das circunstâncias para tomar o poder. Pelo contrário, para Wallerstein, a Revolução Russa foi crucialmente uma revolução da sociedade russa como um todo. E, embora liderada pelos bolcheviques, eles representavam bastante fielmente os anseios da população russa no período, ou seja, pão, terra e paz, viabilizadas pela libertação nacional.

⁶⁸ SEGRILLO, Ângelo. *Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens*, 2010, p.84.

Dessa forma, embora os bolcheviques tenham aproveitado a oportunidade criada pela Revolução (realizada pelas massas) para atingir o fim político desejado por eles, o socialismo, eles construíram sua ação política se baseado fortemente nos anseios populares.

2.3.2. Revolução Russa - Wallerstein

Wallerstein aponta que a Revolução Russa de 1917 foi fortemente influenciada pelo exemplo da Revolução Francesa. O autor ainda coloca que esta era uma revolução principalmente voltada à liberação nacional e se deu de forma espontânea⁶⁹.

Sendo uma revolução por pão, terra, mas, sobretudo pela paz, em 1917 o fito dos revolucionários era não seguir uma política nacional que seguisse aos interesses das grandes potências do Ocidente⁷⁰. Em outras palavras, não era uma revolução contra o sistema como um todo e sim contra o sistema interestatal.

Outra grande importância da Revolução de 1917 apontada pelo autor é o papel que os bolcheviques terão frente à esquerda mundial, também chamada de Velha Esquerda, que estava bastante desgastada à época⁷¹. Apresentando-se, assim, como um forte exemplo de um movimento verdadeiramente antissistêmico. O que terá grande influência nas Revoluções de 1968.

A análise bolchevique à época apontou dois elementos: (i) A social democracia europeia não era revolucionária, mas sim uma variante do liberalismo⁷² e (ii) na Rússia a situação era diferente: não havia um estado liberal, não haveria eleições capazes de mudar a situação política, a população estava presa sob o czarismo.

Essa perspectiva levava à seguinte conclusão: a Rússia jamais se tornaria socialista sem um processo revolucionário que tomasse o controle do aparato estatal. Assim, dever-se-ia aproveitar a oportunidade da Revolução espontânea realizada pelas massas (que buscavam a

⁶⁹ WALLERSTEIN, Immanuel. *The Essential Wallerstein*, 2000, p.361.

⁷⁰ Idem. *A reestruturação capitalista e o Sistema Mundial*, 1997, p.256.

⁷¹ Conforme será visto com mais detalhes à frente, a Velha Esquerda, ao chegar ao poder em diversas partes do Sistema, tornou-se parte dele, perdendo sua característica acentuadamente antissistêmica, embora continuasse a garantir uma linguagem esquerdista. Assim, fez o que pôde: ajudou a acelerar o processo de reformismo racional liberal, conquistando incontestáveis benefícios. Porém, não alcançou o universalismo prometido, deixando de fora uma parcela das massas que vieram a se mostrar bastante descontentes em 1968.

⁷² O autor aponta que no período de 1848 a 1917 as diferenças entre o chamado liberalismo e as chamadas forças políticas conservadoras diminuíram radicalmente conforme eles tendiam a se unir sob os méritos do programa reformista (WALLERSTEIN, Immanuel. *The Essential Wallerstein*, 2000, p.376).

libertação nacional) e direcioná-la para os fins políticos desejados, em outras palavras, instaurar um governo socialista⁷³.

Dessa forma, podemos sumarizar a importância da Revolução Russa para Wallerstein de duas formas. Em primeiro lugar, sendo um movimento antissistêmico não voltado para uma mudança completa na estrutura do sistema mundo. Mas sim, muito mais centrada nos problemas da própria Rússia, embora ainda lutasse contra algumas estruturas do sistema. Estruturas tais como o sistema interestatal, o qual prendia a Rússia, a um custo muito alto de seu povo, à Primeira Guerra Mundial.

Em segundo lugar, a Revolução de 1917 liga-se às Revoluções de 1968 ao servir de exemplo à esquerda mundial, da seguinte forma: ao aceitar o liberalismo, a Esquerda aceitou aguardar por mais resultados. E, embora algumas conquistas tenham sido obtidas num primeiro momento, estas não duraram muito. Porém, ainda se aguardava que, por meio do reformismo racional grandes conquistas seriam atingidas num prazo não muito longo, por isso o medo da esquerda em agir. Assim, a esquerda foi se aproximando de um centro político, e perdendo sua posição antissistêmica. Pelo menos, o exemplo dos bolcheviques, mostrou ser possível e viável, mais uma vez, para a população se revoltar contra a velha esquerda, que havia feito diversas promessas e acabou se acomodando ao centro.

2.4. Revoluções de 1968

2.4.1. Revoluções de 1968 - Wallerstein

O programa liberal cujas medidas foram citadas no item referente às 1848 (sufrágio, o aumento das rendas mediante bem-estar social e a criação de uma identidade nacional) obteve um êxito enorme. As classes perigosas do centro foram domadas pelo Estado e, como exemplo disso, Wallerstein cita a aceitação das políticas nacionais de guerra em 1914.

Porém, enquanto este problema era resolvido no Centro do sistema mundo, surgia outra ameaça: as classes populares do Terceiro Mundo. Alguns exemplos de insurreições causadas por essas classes perigosas da Periferia foram a Revolução Mexicana, de 1910, e a já citada Revolução Russa, de 1917.

⁷³ WALLERSTEIN, Immanuel. *The Essential Wallerstein*, 2000, p.378.

Para os poderosos, a possível sublevação global dos países periféricos constituía uma grave ameaça para a estabilidade do sistema. A solução encontrada foi o “desenvolvimento do Terceiro Mundo por meio de um keynesianismo mundial”⁷⁴. Este programa liberal mundial patrocinado pelos EUA, o poder hegemônico, obteve grande êxito.

Wallerstein afirma que o programa foi um sucesso porque os movimentos herdeiros da Velha Esquerda do século XIX chegaram ao poder sob diversos nomes: comunista (ao redor da URSS), movimentos de libertação nacional (África e Ásia), social-democratas (Europa Ocidental), populistas (América Latina), isso causou uma euforia e, ao mesmo tempo, também a entrada de todos esses movimentos na maquinaria do sistema histórico capitalista. Ou seja, “cessaram de ser antissistêmicos e passaram a ser pilares do sistema, sem deixar de garantir a linguagem esquerdista”⁷⁵.

Porém, essa estratégia de apaziguamento das massas do terceiro mundo não era tão completa quanto a utilizada no Centro. Na periferia não se podia fazer uma redistribuição de renda significativa à população, porque essa deveria ser paga necessariamente pelos poderosos (ao contrário da realizada no centro que foi às custas do terceiro mundo), o que limitaria as possibilidades de acumulação de capital. Outro problema era a impossibilidade de utilizar a carta do racismo para integrar “os povos de cor no sistema mundial”⁷⁶. Segundo o autor:

“Se todo mundo era considerado como ‘nós’, quem iria ser o outro a quem recusar e depreciar? O desprezo racial havia sido um elemento decisivo na construção da lealdade dos operários em suas nações. Porém, era impossível de ser realizada no Terceiro Mundo”.⁷⁷

Contudo, “o ano de 1968 marcou o começo de um desmoronamento rápido de tudo o que os poderosos tinham erigido no sistema mundial com a geocultura liberal depois de 1945”⁷⁸. Contribuíram para isso principalmente dois elementos: (i) a alta fenomenal da economia mundial tinha alcançado seu limite e estava prestes entrar na fase B do ciclo de Kondratieff e (ii) iniciou-se uma grande movimentação antissistêmica mundial.

Segundo o autor, 1968 deixou duas vítimas feridas e agonizantes: a ideologia liberal e os movimentos da velha esquerda. Enquanto a ideologia liberal perdeu seu papel como única

⁷⁴ WALLERSTEIN, Immanuel. *A reestruturação capitalista e o Sistema Mundial*, 1997, p.257.

⁷⁵ *Ibid.* p.258.

⁷⁶ *Ibid.* p.258.

⁷⁷ *Ibid.* p.258.

⁷⁸ *Ibid.* p.258.

ideologia do sistema mundo (os conservadores e os radicais retrocederam às suas atitudes anteriores a 1848, negando a validade moral do liberalismo), a velha esquerda, comprometida com o liberalismo, tentou “mudar de pele” adotando uma máscara de nova esquerda, mas não logrou.

Conforme mencionada acima, independentemente de ter alcançado o poder, a Velha Esquerda não deixou de ser um movimento mundial sustentado por uma minoria, e embora tenha sido uma poderosa minoria, não deixou de ter fortes limitações políticas. Sendo assim, fez o melhor que pôde: optou por ser um estímulo a aceleração do programa liberal de reformismo racional, e nisso foi muito bem-sucedida. Trazendo reais benefícios aos seus protagonistas. Porém, conforme argumentavam os revolucionários em 1968, muitas pessoas foram deixadas de fora da equação. Segundo o autor “a Velha Esquerda havia falado com uma linguagem universalista, mas praticou uma política particularista”⁷⁹.

Assim, as massas populares, retiraram duas conclusões políticas importantíssimas pós-1968, são elas: (i) a perspectiva de reformas graduais que permitiriam uma redução do fosso rico-pobre não era possível e que (ii) a velha esquerda, por ter feito tal afirmação, flertava com o descrédito. Dessa forma, num país após o outro, os movimentos populares se distanciavam os herdeiros da velha esquerda. A derrocada dos comunismos em 1989, segundo o autor, marca exatamente o término da revolução de 1968.

O grande problema disso para os poderosos é que as massas não estão mais dispostas agora a ser tão pacientes como no passado. O que o liberalismo proporcionava às classes perigosas era sobretudo a certeza no progresso (principalmente no progresso material). Essa certeza justificava a demora, “enquanto isso, os pobres trabalharam, votaram e serviram nos exércitos. Quer dizer, fizeram funcionar o sistema capitalista”⁸⁰.

Wallerstein aponta que a consequência final de todo esse processo foi a perda de fé nos Estados, as massas começam a “abraçar um antiestatismo radical”⁸¹. Essa perda de fé é acompanhada de muito medo, já que na ausência de Estado, como será garantida a vida e a propriedade privada? Será que a segurança deve ser promovida com as próprias mãos?

⁷⁹ WALLERSTEIN, Immanuel. *The Essential Wallerstein*, 2000, p.429.

⁸⁰ Traduzido de WALLERSTEIN, Immanuel. *La restructuración capitalistay el sistema-mundo*. In: ELÍZAGA, R S. (Coord.) América Latina y el Caribe, perspectivas de su reconstrucción. México: Asociación Latino Americana de Sociología, 1996. p.69-85, p.262.

⁸¹ *Ibid.* p.262.

Dessa forma,

“Depois de cinco séculos de fortalecimento das estruturas estatais, no seio de um sistema interestatal também em fortalecimento contínuo, vivemos presentemente a grande retração do papel dos Estados e necessariamente, portanto, também do papel do sistema interestatal. Não é algo menor. É um terremoto no sistema histórico do qual somos participantes”.⁸²

E, embora o colapso da fé popular na inevitabilidade de uma transformação que geraria um mundo mais igualitário seja o golpe atual mais sério para o sistema, conforme coloca Wallerstein, ele não é o único. Há um conjunto de vetores que atuam na desagregação do Sistema, já citados anteriormente neste trabalho, a saber a desruralização, a crise ecológica e a democratização.

Dessa forma, o período atual, mais precisamente os próximos trinta a quarenta anos conforme estipula o autor, será o momento da desintegração do sistema histórico capitalista. Ao mesmo tempo que será um período de transição massiva para algum outro sistema (ou sistemas) novo (s). Wallerstein denomina isto de uma situação de bifurcação clássica.

Por fim, cabe ressaltar que a questão política do nosso tempo, conforme coloca Wallerstein, passa a ser se o resultado dessa transição vai ser moral e fundamentalmente diferente daquilo que temos agora. Em outras palavras, dado que o autor vê a transformação como inevitável e já em curso, será que ela será representará progresso de fato?

⁸² Traduzido de WALLERSTEIN, Immanuel. *La restructuración capitalistay el sistema-mundo*. In: ELÍZAGA, R S. (Coord.) América Latina y el Caribe, perspectivas de su reconstrucción. México: Asociación Latino Americana de Sociología, 1996. p.69-85, p.262.

Conclusão

A partir da revisão bibliográfica, pode-se concluir que para Wallerstein, como cientista social, a definição da unidade de análise dos sistemas mundiais é de extrema importância. Assim, o autor determina os sistemas sociais históricos como sua unidade de análise e os divide em dois tipos: os minissistemas e os sistemas-mundo.

Analisando o moderno sistema-mundo, uma economia-mundo capitalista, observa-se que sua peculiaridade está na sua expansão, absorvendo todos os demais sistemas sociais históricos e ocupando o planeta como um todo, bem como na sua relação com o sistema interestatal. Ou seja, o conjunto de Estados politicamente autônomos relacionados entre si economicamente, na dinâmica capitalista, e a abrangência global desse sistema permitiram sua volta ao equilíbrio depois de ter se afastado diversas vezes. O que não ocorria com os sistemas anteriores.

Em relação à dinâmica do Sistema, observou-se que dois ciclos regem a vida deste organismo, os ciclos de Kondratieff e o trend secular. Soma-se a isso ainda, as transições hegemônicas ocorridas no Sistema. Temos que o período de 1965-1970 é marcado por dois tipos de declínio: o fim da fase A mais expansiva de Kondratieff e o início do declínio da potência hegemônica historicamente mais poderosa, os EUA. Não obstante, acrescenta-se a esse cenário a queda do trend secular, representada principalmente por três mecanismos: a desruralização, o esgotamento tecnológico e a democratização. A principal consequência de todos esses movimentos é o achatamento da taxa de lucro dos capitalistas, que ou tem que migrar para o setor financeiro ou passam a incorrer em perdas crescentes. Como consequência, tem-se a elevação do desemprego, e o aumento do fosso entre os ricos e os pobres. O que vai tornando a situação insustentável ao longo do tempo. O Sistema não é mais capaz de retornar ao equilíbrio.

Ainda a partir da revisão bibliográfica pôde-se concluir qual foi o papel de cada movimento antissistêmico estudado na trajetória do Moderno Sistema Mundo, uma economia-mundo capitalista.

A economia-mundo capitalista se estabeleceu plenamente a partir da Revolução Francesa de 1789, ou seja, a consolidação do sistema que conhecemos veio à partir de um movimento antissistêmico expresso por meio de uma luta intra-elite sobre a constituição e as

políticas básicas do Estado francês. A Revolução Francesa foi responsável também, pela consequente hegemonia inglesa do Sistema Mundo.

Cabe ressaltar que esta visão de Wallerstein que vê a Revolução Francesa como resultado de uma luta intra-elite se encaixa no movimento de revisionismo da visão clássica de Revolução Francesa apontado por Hobsbawm como tendo ocorrido na década de 1970.

Já 1848 teve destaque na trajetória do Sistema ao instituir o liberalismo como geocultura deste Sistema. O liberalismo aparece como opção mais viável após o espalhamento de uma ideologia em que a transformação política era vista como natural e em que a soberania residia no povo (consequência direta da Revolução Francesa). Isto ocorreu porque 1848 mostrou aos poderosos que algumas concessões deveriam ser feitas para manter a ordem vigente (e que isso não os prejudicaria de forma alguma), bem como mostrou aos revolucionários que algumas mudanças seriam obtidas em breve, caso eles tivessem paciência.

Essa visão de Wallerstein em relação a 1848 converge com a de Hobsbawm, que coloca que o grande resultado deste movimento foi a percepção dos poderosos da necessidade de se encontrar uma ideologia para apaziguar a população, que fornecesse esperanças a um custo baixo para os poderosos. Porém, diferentemente de Hobsbawm, Wallerstein vai mais além e explicita que não foram só os poderosos que aprenderam com 1848, mas também os revolucionários, que tiveram como lição que uma maior paciência, organização e cooperação geraria maiores conquistas no longo prazo.

Embora a Revolução Russa seja o movimento antissistêmico menos tratado pelo autor, possui um papel importantíssimo na dinâmica do sistema. Wallerstein destaca seu caráter de revolução nacional e o papel crucial dos bolcheviques como exemplo à esquerda mundial, o que irá ter grandes repercussões em 1968.

Wallerstein se insere na visão revisionista nascida no final da década de 1960, que coloca os bolcheviques como resposta aos anseios populares, e não como uma elite que se aproveitou da Revolução espontânea das massas para tomar o poder e realizar políticas que apenas interessavam a eles.

Por fim, o evento que marca o início do fim do nosso sistema e é a data emblemática da bifurcação para Wallerstein, as Revoluções de 1968. 1968 marca o fim da fé no liberalismo como geocultura do Sistema e, ao fazer isso, estilhaça um dos pilares fundamentais de sustentação do moderno Sistema Mundo: sua ideologia legitimadora. E, embora este seja o

golpe mais sério à estrutura sistêmica, não é o único. Somam-se a ele a desruralização, a crise ecológica e a democratização, resultados da queda do trend secular; a fase B do ciclo de Kondratieff; e a perda da hegemonia norte-americana.

Assim, chegamos ao ponto de bifurcação do Sistema. Momento em que sua dinâmica autocontida não consegue mais retornar ao equilíbrio e, portanto, diversas opções históricas se abrem como caminhos possíveis a serem trilhados. Ou seja, momento fortemente sensível à ação dos indivíduos e crucial para se determinar o que virá em seguida.

Como apontado na primeira parte do trabalho, Wallerstein não acredita no progresso inevitável, ou seja, não necessariamente o que virá em seguida é melhor do que a presente realidade. Pelo contrário, pode representar um grande passo para trás. Portanto, este é o momento histórico decisivo para se definir se caminharemos na direção de uma ordem mundial fundada na igualdade substantiva ou se iremos em direção a formas societárias que venham a destruir a emancipação humana.

Referências

ARIENTI, Wagner Leal; FILOMENO, Felipe Amin (2006). **Economia política do moderno sistema mundial**: as contribuições de Wallerstein, Braudel e Arrighi. Ensaio FEE, Porto Alegre, v. 28, n.1, p. 99-126, jul. 2007.

BRAUDEL, Fernand. **A Dinâmica do Capitalismo**. Lisboa: Teorema, 1985.

CARCANHOLO, Reinaldo. **Uma Nova Fase do Capitalismo**. Revista Crítica Marxista. Campinas. p.146-151. Jul 2006.

COBÉRIO, Caio. **Os Sistemas-mundo e a Globalização**. Race, Unoesc, v.7, n.1, p.53-70, jan/jun. 2008.

HOBBSAWM, Eric. **Ecos de Marselhesa**: dois séculos revêem a Revolução Francesa. Companhia das Letras, São Paulo. 1996.

HOBBSAWM, Eric. **A Era das Revoluções (1789-1848)**. Paz e Terra, São Paulo. 2014.

HOBBSAWM, Eric. **A Era do Capital (1848-1875)**. Paz e Terra, São Paulo. 2014.

MARIUTTI, Eduardo Barros. **Colonialismo, imperialismo e desenvolvimento econômico europeu**. 2003. 292 f. Tese (Doutorado em ciências econômicas) - Instituto de economia, Universidade de Campinas, Campinas. 2003.

MARIUTTI, Eduardo Barros. **Considerações sobre a perspectiva do sistema-mundo**. Novos Estudos, Campinas, SP. N. 69, p. 89-103, jul 2004.

SEGRILLO, Angelo. **Historiografia da Revolução Russa**: antigas e novas abordagens. Revista do Programa de Estudo Pós-graduados, São Paulo, v. 41, p.63-92, dez. 2010.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Politics of the World-Economy**. 1 ed. Cambridge, UK. Cambridge University Press, 1984.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World-System III**: studies in social discontinuity. Academic Press, 1989.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O Sistema Mundial Moderno: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI.** 1 ed. Porto: Edições Afrontamento, 1990. 1v.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Unthinking social Science: the limits of nineteenth-century paradigms.** Cambridge, UK. Cambridge University Press, 1991.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Geopolitics and geoculture: Essays on the changing world-system.** 1 ed. Cambridge, UK. Cambridge University Press, 1991.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The West, Capitalism, and the modern world-system** in: Review XV, n.4. After Liberalism. Nova York: New Press, 1995.

WALLERSTEIN, Immanuel. **A reestruturação capitalista e o Sistema Mundial.** São Paulo Perspectiva, p.249-267,1997.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Análise dos sistemas mundiais.** In: GIDDENS, Antony;TURNER, Jonathan (Org) Teoria Social Hoje. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Essential Wallerstein.** New York: The New Press, 2000.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Utopística ou As Decisões Históricas do Século XXI.** Campinas: Editora Vozes, 2000.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo Histórico & Civilização Capitalista.** Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2001.

WALLERSTEIN, Immanuel. **New revolts against the system: a movement of movements?.** New Left Review, n.18, 2002.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O Fim do Mundo Como Concebemos.** 1 ed. Rio de Janeiro, RJ. Editora Revan, 2003.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Mundialização ou a era de transição?** Uma visão de longo prazo da trajetória do sistema-mundo. In: François Chesnais et. al. Uma Nova Fase do Capitalismo? São Paulo, Xamã, 2003.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Crisis of the Capitalist System: Where do we go from Here?** Monthly Review 62(10): 31-39, 2009.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalism, Structural Crises and Contemporary Social Movements: An Interview with Immanuel Wallerstein:** depoimento. [19 de Novembro de 2014]. Sagepub. Entrevista concedida a Gaël Curty.